

O Rio Grande

ANO I - NÚMERO 1 - NATAL-RN - ABRIL/MAIO 2009 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Os Voos Literários de Homero Homem

Editorial

Já preconizava a quadrinha do século passado: “Rio Grande do Norte,/ capital Natal;/ em cada esquina um poeta,/ em cada rua um jornal.” E para não desmentir a tal quadrinha eis aqui mais um periódico que nasce e se aventura nesta terra fecunda de poetas e jornalistas. **O Rio Grande** vem no rasto de **O Canguleiro** e **O Potiguar**, que o antecederam, fizeram história e puderam dar também a sua contribuição inteligente à cultura literária do Rio Grande do Norte.

Neste número de estréia, temos o privilégio de contar com o adjutório do jornalista, pesquisador e poeta visual, Anchieta Fernandes, que colabora com texto voltado para Os Melhores Filmes Vistos Nos Anos 60, no Cinema Rex. O escritor e magistrado Manoel Onofre Jr. também brinda o leitor de **O Rio Grande** com o ensaio Nosso Homero, no qual alude à obra do poeta e romancista potiguar, Homero Homem.

O jornal traz ainda o texto inédito Quando Comprávamos Discos, do jornalista Rodrigo Hammer. Heróis do Remo, texto do historiador Luciano Fábio Dantas Capistrano, conta a epopéia dos nossos remadores no raid Natal-Rio de Janeiro, em 1952/53. Este jornal também publica o ensaio O Homem, do cronista Lucas da Costa (In Memoriam), transcrito do jornal “A Imprensa”, de setembro de 1917.

No espaço Tempo de Poesia, **O Rio Grande** homenageia Carmen Vasconcelos (Salamandra), Diva Cunha (Em casa sozinha...), Iracema Macedo (O teu demônio) e Marize Castro (Muralha), publicando quatro poemas de quatro das mais talentosas poetisas da Nação Potiguar. O leitor ainda vai ser brindado com reportagem sobre a artista plástica Iolanda Bezerra de Oliveira, da Associação de Pintores de Porcelana do Rio Grande do Norte. Vale a pena ler!

Nas páginas centrais, o jornal mostra a Natal romântica dos anos 1950, do século passado, retratada por Jaeci Galvão e Grevy. Cabe ao leitor comparar aquela com a Natal hodierna do Século 21 e chegar à conclusão ou não se o tal progresso vale mesmo a pena. Em suma, **O Rio Grande**, neste primeiro número, mostra a que veio: difundir a cultura e a literatura norte-rio-grandenses, abrindo espaço democrático para os nossos bem-aventurados escribas. Por enquanto, é tudo.

O Rio Grande

Expediente

Diretor

Carlos Frederico de O. Lucas da Câmara

Editor

Paulo Jorge Dumaresq
(DRT/RN-564)

Programação visual

Edenildo Simões
(DRTRN-00022DG)

Revisão

Paulo Jorge Dumaresq

Capa

Adrovando Claro

Fotos antigas de Natal

Arquivo da família Lucas

Colaboradores

Manoel Onofre Jr., Anchieta Fernandes, Rodrigo Hammer, Luciano Fábio Dantas Capistrano.

Impressão

Departamento Estadual de Imprensa (DEI)

Tiragem

500 exemplares

Colaborações, críticas e sugestões devem ser enviadas para o endereço eletrônico:
oriogrande@hotmail.com

Os textos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade dos autores.

ALÉM DO SELF-SERVICE NO PESO E DOS PRATOS A LA CARTE O BELLA NATAL APRESENTA:



T M O
E P

Salamandra

Depois do ímpeto das labaredas,
quando já se distancia o tropel de raios,
entre sílabas carbonizadas
e vogais expostas ao extravio dos vapores;
recolho em meu corpo,
clareira de oscilações,
um resto de palavras retorcidas.
A tua alma de sal
levita sobre estes versos.
Ela tem a recorrência de um fantasma sem reza.
Reúno a doçura ainda possível em mim,
empilho parábolas,
componho nevoeiros,
tracejo ideogramas com cinza
para proteger teu nome
e para que as minhas mãos
não se embebam da tua cor,
sempre fugidia,
sempre na direção escancarada do abismo.

Carmen Vasconcelos

Em casa sozinha...

Em casa sozinha
para matar meu desejo
leio poesias
não beijo
Me masturbo
e me contorço
leio poesias
não ouço
a voz
onda da pele clara
que aflora
sobre meus ossos
Em casa
entre coqueiros e arcos
ouço o desejo e passo
pelo fim do meu desejo
portas adentro atravesso
prendo sonhos entre paredes
minhas mãos prendem nos versos
os meus desejos inda verdes.

Diva Cunha

E
D

O S A
P E I

O teu demônio

O teu demônio me segue anos a fio
ele tece flores para mim
divide meu corpo em partes
Ele me culpa
acena feliz por trás das labaredas
dança ao meu redor
cresce como uma planta
eu aparo suas bordas seu rabo seus chifres
O teu demônio me encanta
como um retrato antigo amarelado
uma xícara de louça no mercado
O teu demônio me espanta
canta para mim todas as noites
me arde me explora me atormenta
O hálito quente sobre a minha boca
a febre sempre
O teu demônio vai embora hoje
eu fujo dentro dele a galope
eu vivo dentro dele feito um passarinho
feito uma coisa miúda enorme pobre
dilatada como um crucifixo
dura como uma esmeralda
Me esmero e espero
um dia me chamo Laura
tu me abocanhas os peitos
eu te abocanho a alma

Iracema Macedo

Muralha

Porque me abasteci, estou de volta.
Trago comigo coisas abandonadas.
Coisas que os homens jogaram fora:
placentas, gânglios, guirlandas, guelras.
Retorno alimentada. Perigosa.
Mais mar. Mais aberta.
Hoje descobri que quando estou dormindo
Deus segura minha mão e a leva para seu rosto.
Para Ele, sou mulher e menina.
Para o mundo, sou silêncio e desordem.
Lassidão e rumor.
Uma muralha que sempre desejou ser flor.

Marize Castro

NOSSO HOMERO

Pouca gente sabe que o Rio Grande do Norte é tema de todo um livro de poesia – “Terra Iluminada” –, cujo autor, Homero Homem, nascido em Canguaretama (1921), teve a sua formação em Natal, mas ainda jovem transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até o fim dos seus dias (1991).

Nosso Homero tornou-se credor da gratidão dos potiguares, mas talvez nem sequer seja nome de rua em Natal.

Além de poeta, notabilizou-se como contista e novelista, voltado para o público infanto-juvenil. Seu romance “Cabra das Rocas” obteve sucesso de público em todo o país. Êxito ainda maior, o livro subsequente, “Menino de Asas” já está na 22ª. Edição.

Vários outros trabalhos de sua autoria, no campo da ficção, despertam interesse, notadamente “O Goleador”, romance (primeiro volume de uma trilogia do futebol), e “O Moço da

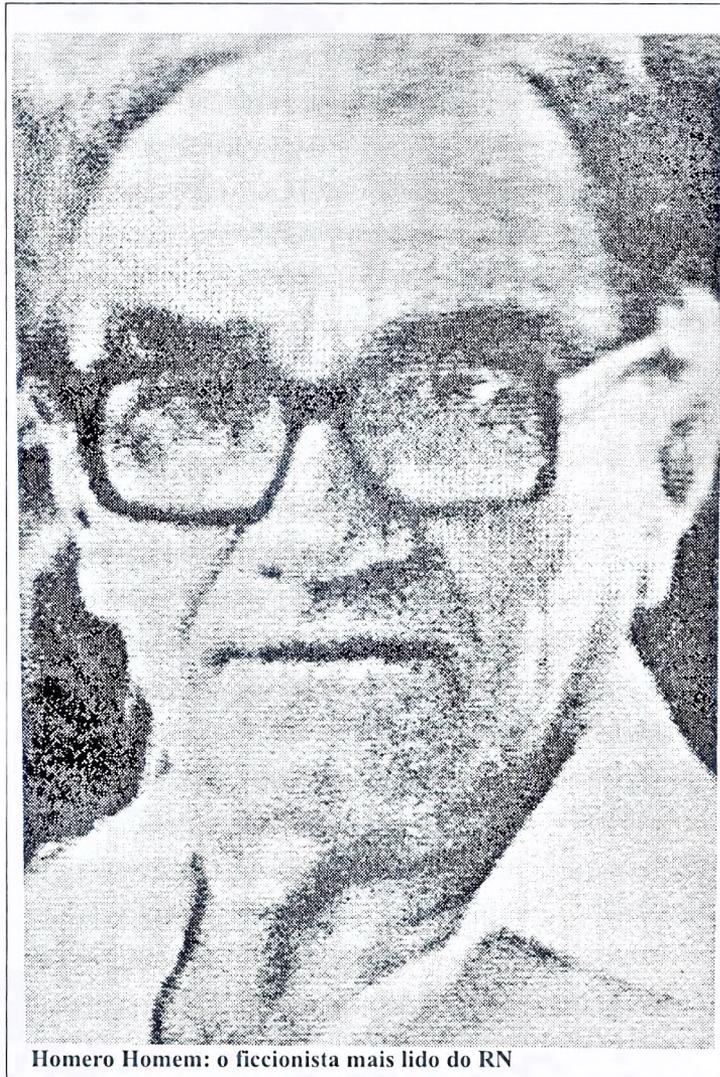
Camisa 10”, novela.

Pelo número de edições dos seus livros, constata-se que ele é o mais lido de todos os ficcionistas norte-rio-grandenses. E

tradução italiana de “Cabra das Rocas”).

Homero Homem tem, no entanto, maior importância como poeta. Entre os expoentes da geração pós-45, ele se afigura um romântico desgarrado em pleno Século 20. Toda a sua obra poética está repassada de valores românticos: subjetivismo, comunhão com a natureza (o mar, especialmente), exaltação da mulher da mulher amada, crítica social e política, etc. Isto não quer dizer que ele seja um retardatário. De modo algum. Na verdade, o seu claro poema, de tanto ritmo, de tanta musicalidade, trouxe inegável contribuição para a poesia contemporânea, e dúvida não há quanto à sua modernidade.

Estreou em livro com um poema em prosa, “A Cidade, Suíte de Amor e Secreta



Homero Homem: o ficcionista mais lido do RN

outra constatação não menos importante: é um dos poucos traduzidos (“Gente delle Rocas”,

Suíte de Amor e Secreta



A Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, contribuindo com a divulgação dos atores e autores culturais do Estado, publica mensalmente encartado no Diário Oficial o suplemento cultural **Nós do RN**.

É o Estado preservando e resgatando seus valores culturais

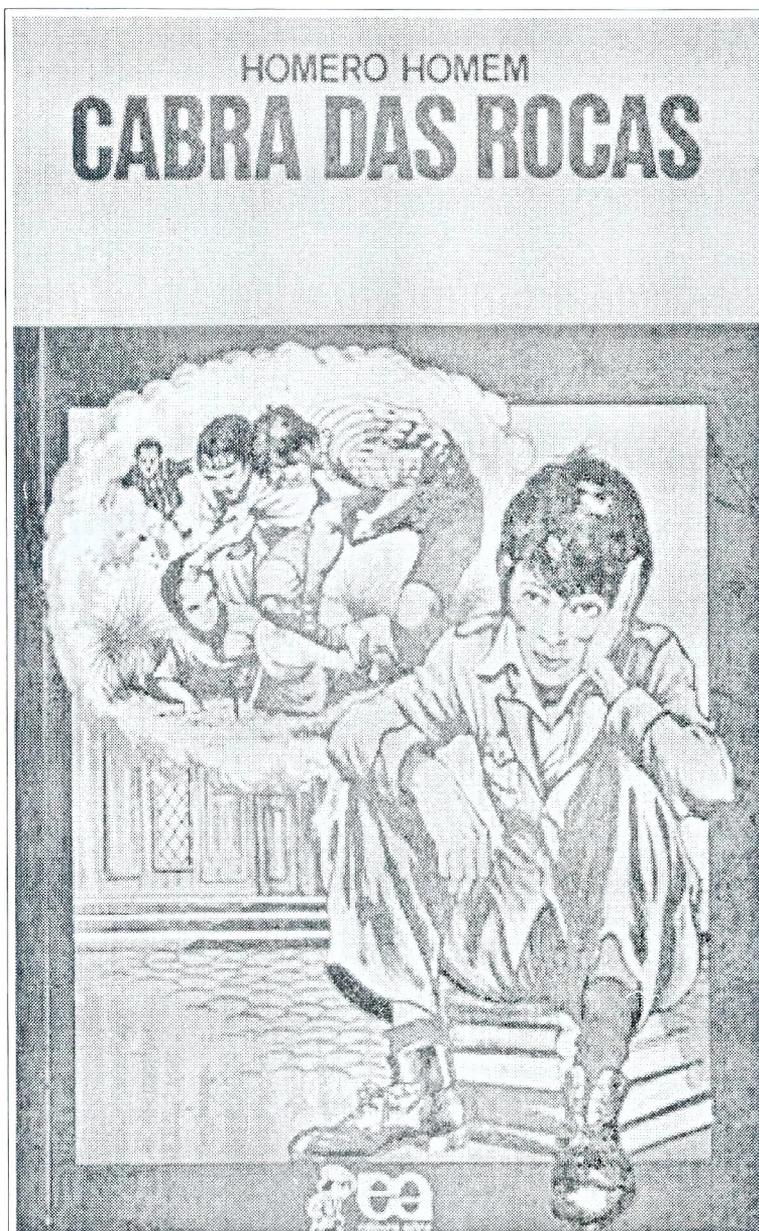
Departamento Estadual de Imprensa
 Av. Câmara Cascudo, 355 - Ribeira - fone (84) 3232 6780 - 3232 6795 - Natal - RN

Esperança" (Rio, 1954). Surgiram depois, "Calendário Marinheiro" (1958) e ao longo das décadas, vários outros livros reunidos, em 1981, num volume sob o título "O Agrimensor da Aurora". Depois vieram: "O Luar Potiguar" (Rio, 1983), renovada homenagem à sua terra, e "Eu sem Ego" (Natal, 1990).

A poesia de HH tem sido estudada por alguns críticos de estatura nacional, como Wilson Martins, Gilberto Mendonça Teles e Leo Gilson Ribeiro. Deste último esta definição exata e concisa: "...poeta de inquieta raiz social. (...) lirismo entre a emotividade, a erudição, o tom popular irônico e a musicalidade rítmica."

Com toda a relevância, que indiscutivelmente lhe cabe em nível nacional, o poeta e escritor permanece quase desconhecido na terra que tanto exaltou. É preciso, com urgência, resgatá-lo desse injusto ostracismo.

Manoel Onofre Jr.



Cabra das Rocas consagrou o escritor Homero Homem



www.seboamorim.estantevirtual.com.br

RUA PADRE GERMANO, 135 - N. DESCOBRTA

Fone: (84) 3206-2790

Nilson de Castro
8806.7865
nilsondecastro@gmail.com
Jornalista - DRT/RN 1026



Compromisso com a Verdade

REDAÇÃO
Rua Trajano Murta, 3321 - Candelária - Natal/RN
www.tribunadenoticias.blogspot.com



Paladar Tropical
RESTAURANTE
Self Service - Marmita
FONE: 3206-1687

Kleber e Mônica
Proprietários

Rua Jaguarari, 2570 - Candelária
(Por trás da Justiça Federal)

Os melhores filmes vistos nos anos 60 - Cinema Rex

Anchieta Fernandes



Situado na av. Rio Branco, o antigo Cine Rex foi responsável por gerações de cinéfilos

O cinema Rex, situado no espaço, à Av. Rio Branco, onde hoje estão as lojas Insinuante e Express, teve uma bonita história na vida cultural de Natal. Idealizado e concretizado por Enéas Reis e Francisco Nogueira do Couto (Xixico, conhecido capitalista nos anos 30), ficou como mais um cinema da empresa Rex, administradora também dos cinemas Rival (na Ribeira), Royal (na rua Ulisses Caldas) e São Pedro (no Alecrim).

O Rex seria o primeiro cinema no Grande Ponto, ao lado do prédio da representação da Cruz Vermelha na cidade. Sua planta foi traçada pelo

arquiteto Heitor Maia Filho e a construção do prédio esteve sob a direção do engenheiro Omar O'Grady, que já havia sido prefeito de Natal, criando o seu primeiro Plano Geral de Sistematização. O novo cinema foi inaugurado a 18 de julho de 1936 com o divertimento musical "Melodias da Broadway de 1936", produção da Metro Goldwyn Mayer, enviada pela referida companhia, por via aérea, especialmente para a inauguração da nova casa de espetáculos cinematográficos de Natal.

Na tela do Rex, depois, foram mostradas muitas obras-primas da Sétima Arte. Vejamos algumas, ou

que pelo menos se aproximam desta categoria, e que marcaram a década 60 do espectador natalense no século passado com visuais e timbres qualitativos inesquecíveis, além do humanismo dos enredos. Lembre-se, por exemplo, **Um Rosto na Noite**, filme com o qual, em 1957, o diretor italiano Luchino Visconti antecipou-se a Antonioni e sua trilogia famosa ("A Aventura", "A Noite" e "O Eclipse"), com o enfoque preciso de um fotógrafo sensível (como o Giuseppe Rotunno deste filme), na beleza estética de um preto-e-branco a comunicar o trágico sentimento de seres solitários. O filme estava em cartaz no Rex a 01 de maio de 1960.



Cartaz de "Hiroshima, mon amour", exibido no Cine Rex

Um ano depois, precisamente a 11 de maio de 1961, o velho cinema trintenário dava de presente ao nosso espectador a magia do filme de marionetes **Velhas Lendas Tchecas**. Realizado em 1953 pelo mestre Jiri Trnka, consegue, com a linguagem de um verdadeiro cinebalé, iluminar de forma bem criativa a história e o folclore de um povo, os filhos da Tchecoslováquia.

Seguiu-se, em 1962, a exibição da grande obra-prima da **nouvelle vague**, o filme que às vezes lidera listas dos melhores filmes de todos os tempos (como aconteceu na escolha da crítica cinematográfica, que em março/abril de 1980, pôs em primeiro lugar para o

suplemento cultural "Contexto", do jornal "A República", o referido filme): **Hiroshima, Meu Amor**, realização de 1959 de Alain Resnais, e que estava em cartaz no Rex a 06 de maio de 1962, trazendo uma revolução de linguagem (planos-sequência, imagens trabalhadas em laboratório, junção de cenas em incríveis visualizações de flashes de ao mesmo tempo memória e esquecimento, documentários crus dos efeitos da bomba atômica sobre o cenário urbano e sobre as pessoas) para formar um novo tipo de espectador.

Quando o Cine Clube Tirol criou as sessões do Cinema de Arte, escolheu o Rex para nele serem

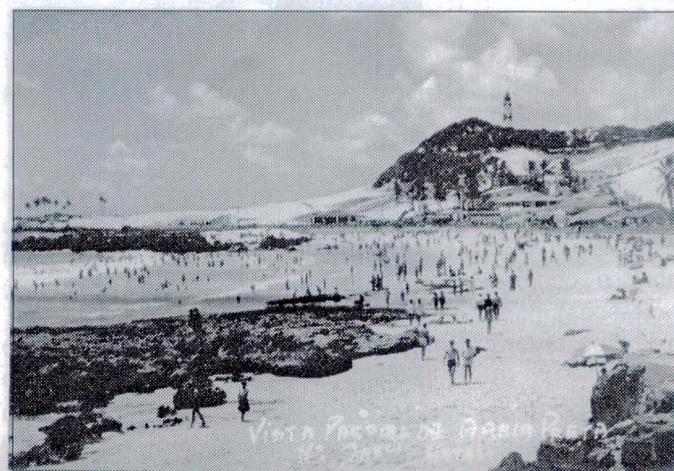
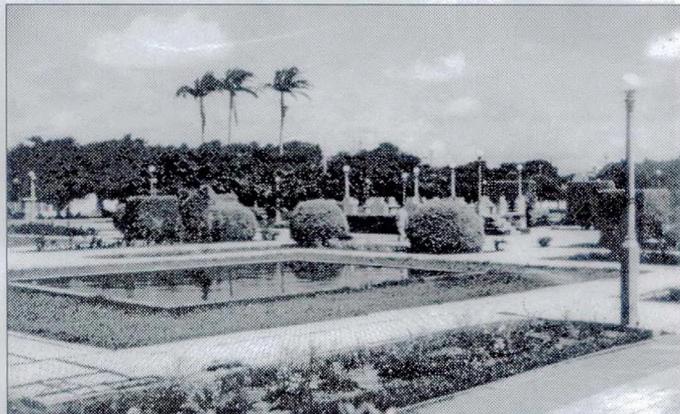
exibidos os filmes, começando com o ótimo **Glória Feita de Sangue**, do diretor Stanley Kubrick, de 1957 e em sessão de 16 de fevereiro de 1963. É uma forte denúncia do carreirismo dos oficiais superiores durante a Primeira Guerra Mundial, que não se pejam de contribuir para o massacre dos seus soldados, contanto que a honra deles, oficiais, não seja atingida.

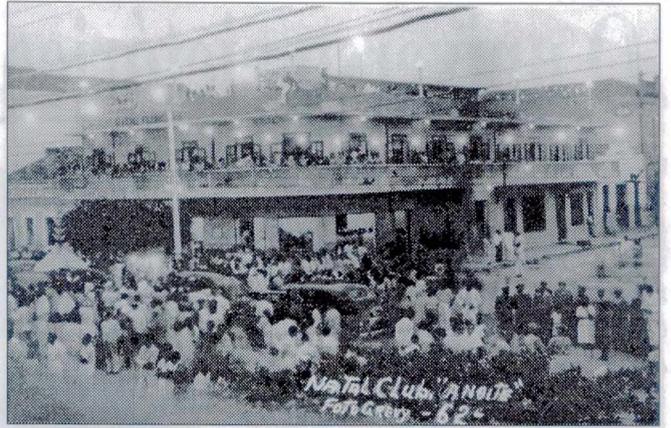
Na seqüência, o cinema Rex mostrou outro ótimo filme, de autoria não de um norte-americano mas de um brasileiro, um dos criadores do movimento **cinema novo**. Trata-se de **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, de 1959, de Glauber Rocha, de teor revolucionário (em tema e linguagem), visto em sessão de 04 de outubro de 1964. E a 28 de abril de 1965, sendo exibido **El Cid**, bem realizado épico histórico, por Anthony Mann, em 1961.

Vieram, em seguida, a ser apresentados no Rex, obras-primas inesquecíveis: **Os Reis do Iê-Iê-Iê**, de 1964, de Richard Lester, exibido a 26 de janeiro de 1966; **Sempre aos Domingos**, de 1962, de Serge Bourguignon, exibido a 18 de julho de 1967; **O Eclipse**, de 1962, de Michelangelo Antonioni, exibido a 03 de março de 1968; e **O Fofoqueiro**, de 1967, de Jerry Lewis, exibido a 18 de outubro de 1969.

O cinema Rex fechou as portas após a sua última sessão, que foi na noite de 30 de julho de 1984, exibindo o filme **A Morte em Minhas Mãos**, feito em Hong Kong pela dupla de irmãos Rumne e Run-Run, da Show Brothers Company, sem um mínimo de qualidade, ao contrário do que se pode deslumbrar em outro filme de caratê, **O Tigre e o Dragão**, do consagrado diretor Ang Lee.

Natal no Tempo e no Espaço





O universo pictórico de Iolanda de Oliveira

Telas, azulejos, porcelanas, adornos, caixas de presente e peças de vestuário compõem o universo pictórico da artista plástica Iolanda Bezerra de Oliveira. Membro da Associação de Pintores de Porcelana do Rio Grande do Norte (APPRN), há 15 anos a artista se aventurou no mundo dos pincéis e das tintas, diga-se de passagem, com muita propriedade. As pinceladas ora fortes ora suaves nas telas e nas pinturas em objetos outros produzem marcas indeléveis na sua obra. Estamos diante de uma artista compromissada com a sua estética particular, porque singularíssima e rica de experiência.

Iolanda de Oliveira flerta em diversos estilos, desde os mais clássicos aos populares, sempre com invulgar talento. Pintar a óleo paisagens que remetem ao figurativismo é característica do trabalho da artista plástica. Nesta linha predominam temas que envolvem a dança clássica, imagens sacras, casarios e reproduções de conhecidas obras plásticas. Outra vertente da obra de Iolanda de Oliveira está mais próxima do naturalismo, onde predominam telas com temas voltados à descrição de naturezas mortas e marinas, passaportes para a (re)descoberta de paisagens bu-cólicas e pastoris que o homem moderno tem preterido.

Nos trabalhos em porcelana, no entanto, há uma maior variedade de estilos, expressões e temas. São jarros, pratos, copos, quadros, entre outros objetos, submetidos às tintas e instrumentos especiais destinados a essa arte. “Pinto a peça e a ponho em um forno próprio a 750, para queimar a tinta especial”, explica. Iolanda de Oliveira vale-se de diversas técnicas para utilizar na porcelana, destacando-se a imersão da peça na água, onde a tinta dissolvida se fixa no objeto, indo depois ao calor do forno.

Os dons artísticos de Iolanda



Iolanda Bezerra
ARTISTA PLÁSTICA

Artista plástica Iolanda de Oliveira posa com obra

de Oliveira não conhecem limites. Quadros feitos à base da prata boliviana são os mais procurados. O material é trabalhado por meio de moldes: “Você tira o que deseja e risca a prata, com cuidado, pois o que for riscado fica permanentemente. Os efeitos de auto-relevo são criados com um lápis especial. A prata é pintada com betume e depois de ser lavada com solvente adquire brilho especial”, sublinha.

Iolanda descobriu o talento

para a arte já na maturidade, depois dos filhos adultos e encaminhados na vida. Aos 73 anos, procura manter-se informada. Não é sem razão que navega nas águas calmas da internet em busca de novas ideias para a sua pintura, pesquisa preços e troca e-mails com outros artistas. Anualmente, realiza exposição individual com as obras produzidas ao longo de 12 meses resultado da sua labuta e militância artística.

Paulo Jorge Dumaresq

Quando comprávamos discos

Emy Som, Vox, Discol, A Modinha, Musi Som estão entre as lojas de discos que a juventude potiguar frequentava na primeira metade da década de 1970. A extinção gradativa e impiedosa dos pontos mais lembrados traz aos saudosistas um gosto de nostalgia que não se limita à simples indisponibilidade dos títulos hoje procurados em versão analógica (o popular "vinil").

Atrasado e em plena ditadura militar, o Brasil só viera a assimilar o Movimento Hippie – fenômeno deflagrado após o mítico Verão do Amor da Costa Oeste norte-americana em 1967 - entre 1972 e 1974, era em que a música pop no exterior já começava a preparar terreno para a "invasão" disco music sofrida pós-1976, aqui em 1978. Muito rock 'n' roll na veia, a exemplo da população de outras capitais, o natalense recebia os lançamentos de selos superpoderosos como Atlantic, CBS, Mercury e PolyGram com a mesma pontualidade que as gravadoras dispensavam a bandas e LPs considerados fundamentais.

Caminhante de um périplo obrigatório pela rota dos pontos mais conceituados, o "rocker" tinha no circuito comercial a única oportunidade para adquirir as novidades em curso, um meio indispensável, já que as raras publicações especializadas não eram suficientes para levar o consumidor a "garimpar" adequadamente o "álbum do momento".

Localizada na esquina das ruas Princesa Isabel com General Osório, Cidade Alta, a pequena Emy Som era considerada uma espécie de "templo" dedicado ao rock 'n' roll, administrada por gente que entendia do riscado e frequentada por fissurados em hard rock e progressivo. Subindo em direção à rua João Pessoa, também no

centro da cidade, a Vox mantinha no estoque um considerável acervo de música, da erudita à popular brasileira, sem esquecer os superstars de antanho. Era também de sob o balcão que saíam os títulos mais interessantes a despeito de um generoso mostruário sempre tomado por diversos lançamentos cobiçados. Sua rival, a bem sortida A Modinha - situada na Princesa Isabel já à altura da rua Ulisses Caldas - atravessaria períodos conturbados, passando de acanha-do quadrante reservado a itens obscuros, à feição de "magazine" que conquistaria o público "metálico" por volta de 1988.

Última repre-sen-tante da era de ouro das lojas de discos em Natal, a Discol é dura na queda: permanece encravada na rua João Pessoa, embora as paredes que dividem espaço com brega generalizado e camisetas de heavy metal pouco remetam ao que o local significou para dezenas de velhos remanescentes do underground potiguar. Citado por dez entre dez rockers veteranos, o proprietário Luís consegue ser modesto. Não está nem aí por ter feito parte de um passado de ídolos cabeludos e bandas revolucionárias que recomendava a quem quer que demonstrasse interesse por algum lançamento nos 1970: de Uriah Heep

a Slade, de Sweet a Rolling Stones, cansou de indicar futuros clássicos, formando gerações e gerações de curtidores.

Alternativas na linha da lendária Aratarda ou investidas temporárias de supermercados como Nordestão – que chegaram, sim, a pôr nas gôndolas LPs interessantes – somam-se a outras fugazes, quando muito levadas a cabo por aventureiros de outras regiões. À época saudada com entusiasmo pelos colecionadores de Rock, a portentosa Planet Music foi outra que surgiu na segunda metade da década de 1990, no Natal Shopping, trazendo logo na inauguração um "container" de novidades importadas em CDs. Praticando um preço absurdo, a loja com ares de "lounge" não teve fôlego para manter uma clientela que também dava as caras pelos lados da BiMusic, esta situada num espaço comercial de Petrópolis. Em ambos os casos, o fenômeno da pirataria verificado anos mais tarde, se encarregaria de aniquilar as pretensões mais ambiciosas, sem chance para especuladores.

É irônico que as últimas tentativas de porte representadas por pequenos comerciantes e sebitas cheguem a viver de encomendas ao sabor da febre do "download". Nesse aspecto, Natal pode se orgulhar de antecipar a vanguarda augurada por visionários que na virada do ano 2000 já previam a substituição da música registrada em meio físico por aquela de origem "virtual". No lugar do plástico, do papelão e da capa, o minúsculo player de MP3; no lugar das saudosas lojas de discos, o "modem" turbinado, a receber megabytes de informação musical.

Por Rodrigo Hammer



A Emy Som mudou até de nome para sobreviver.

O HOMEM

(Lendo uma página sobre o homem)

O homem encontrou tantas dificuldades para transpor a espécie de barreira que o separava na sua normalidade, ser-lhe-iam talvez insuperáveis esses obstáculos. Ele teve sombras na alma e a consciência emersa na treva. A sua grande timidez deu a idéia do que invade o surruprador dos tesouros alheios, nas suas noturnas escaladas, vendo na sombra o seu algoz frustrar-lhe os planos, ou a imagem do bem a condenar-lhe a pernicioso empresa. Ele que nesses momentos de tudo se assusta, tudo lhe revela também a existência de alguma observação à sua atitude abjecta. Parece que as suas órbitas se dilatam, e a ilusão óptica engana-o demasiadamente, como se um reflexo da suprema justiça, houvesse a face do seu delito.

E foi assim o homem quando ao sopro de um ignoto, saiu do seio imenso da treva, e de arremesso em arremesso, caiu no areial do deserto, no cume dos montes, à beira dos abismos para chegar à essa barreira fantástica de onde deveria partir para a luta, que na vida tinha de se empenhar — luta de inconsciente, contra Deus, ao lado dos homens, a favor de Deus, contra todo e contra si próprio evadindo-lhe o ser de um meio de sua missão, que aliás não chegará a com-



Cronista Lucas da Costa

prender - segue-o a passo incerto e parecendo descobrir vultos suspeitos, ouvir gritos de protestos a sua presença indiscreta naquele caminho das coisas singulares que ele não virá jamais.

A despeito, no entanto, de tudo que lhe pareceu impedir a marcha, o homem caminhou, caminhou sempre, enquanto a espécie de apatia que antes o obscurecera, abandonando-o pela sucessão im-perceptível, de

alguma luz que cintilou, no cérebro.

Em breve, sobre novo estado de espírito que lhe expulsou definitivamente a expressão de sonâmbulo, ele conheceu as coisas, soube admirá-las, distinguiu com surpresa a noite, o dia, o céu, o mar, maravilhas em frente das quais paira agora pensativo e deslumbrado. E acorda então a vontade de penetrar nesses altos mistérios e de balde tenta saber a sua origem, suas razões de ser, porque o sol o ilumina a frente, porque a natureza e porque a fatalidade cosmológica, são em tudo superior a sua penetração, desmentindo deste modo todos os conhecimentos que ele imagina possuir.

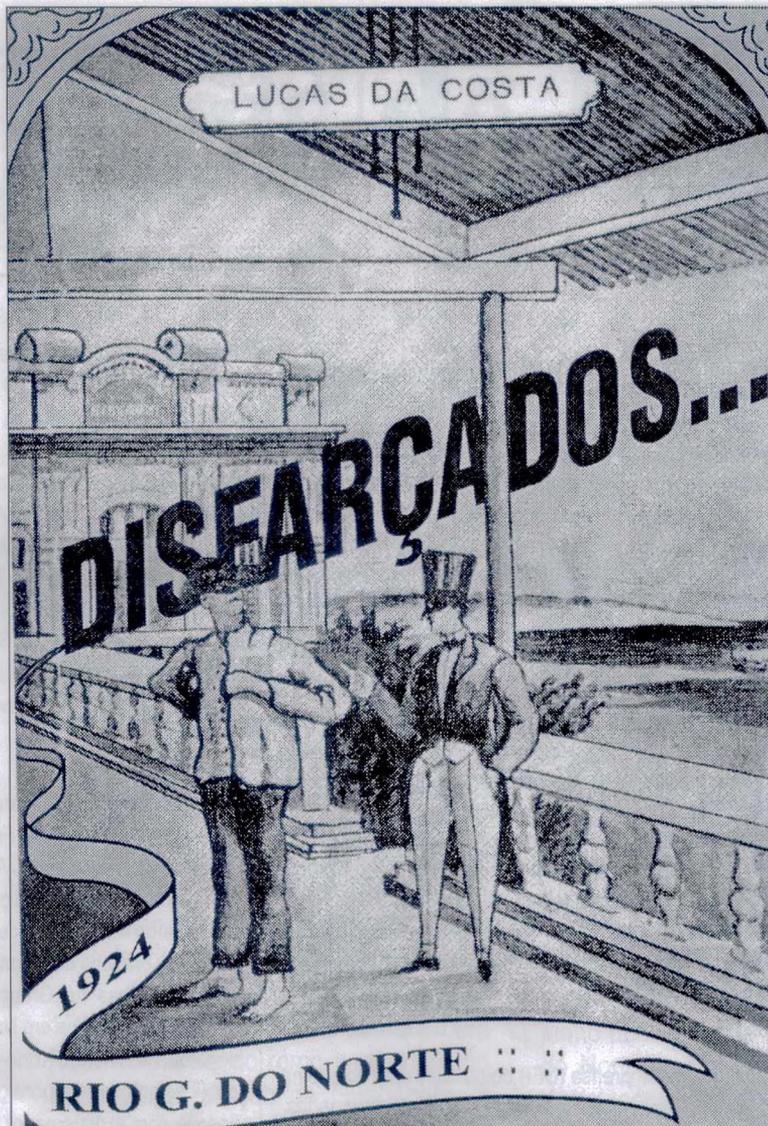
O homem em um dos seus momentos de lazer, no cimo da vaidade que o domina, teve um dia magno, transpôs, onde delirou de satisfação.

Pensou em ser o soberano do mundo — um predeterminado — e então nesse grande ideal, procurou conhecer o seu passado, estudar o presente e penetrar nos meandros do seu futuro, mas esgotando toda a sua ciência, desvairado nos ímpetos da sua filosofia, não conseguiu saber de onde veio, qual a sua

missão e o fim que o esperava. Ficou assim, numa espécie de inconsciência, rolando dentro dos séculos, ou como a treva perdida na grandeza da luz.

Se ele, fora de si, quase em delírio, suplantado pelo desejo de imortalidade sonhou com a glória e ouviu proclamar o seu poder, não foi isso senão um engano dos seus sentidos. Quem afirmou ao homem que havia na sua frente o reflexo do sol? O espaço por onde giram as correntes elétricas telegráficas? A pedra que em baixo dos mares recebendo golpes do escafandro? A teia cinematográfica onde revelam a vida artistas desaparecidos? O ar onde se equilibram as suas invenções destruidoras? O ocultismo, enfim? Não ele ouviu coisas que o confundiram. "Homem não te envaideças tanto. Há em tua alma, cores que deslumbram, mas estas não são mais que as iriações dos páramos, o brilho fictício dos fulgores, ou as variedades caleidoscópicas... Tu és apenas o instrumento transmissor das maravilhas de todos os tempos, sabes?"

O panteísmo é a verdadeira ciência; somente Deus é grande – o homem é como o estival dos campos. Tudo que ri, não é o transunto da alegria; se uma te deixa a impressão de um lamento, é a alma do som que se espalha. O



"Disfarçado" foi o único livro escrito por Lucas da Costa

fumo também sobe, sobe tanto - e acreditamos fazer parte do céu. Assim o homem faz prodígios admiráveis, sendo simplesmente a sombra, a poeira ou o grão de areia que a rajada leva para o espaço. E, no entanto, este mesmo átomo que pretende ser igual a

Deus, quem num só momento poderia desfazer todos os seus trabalhos e obstruir os surtos da sua ciência?

Setembro, 1917 – Jornal "A Imprensa"

Lucas da Costa

Ativo
Contabilidade

Disk Ativo 4000: (84) 3521- 4000

**Macau, Guamaré, Pendências,
Alto do Rodrigues e Natal**



- Literartes -

Paulo Jorge Dumaresq

Um toque a mais

Nunca é demais dar *Um Toque a Mais* (2008) para atestar a qualidade do segundo CD do cantor e compositor angicano, Geraldo Carvalho, lançado em dezembro do ano passado, que continua causando espécie, no bom sentido. Composto por belas canções, destacando-se Potiguarina, Claridade, Desafio, Não me talk show e a faixa-título, o trabalho espanta o temor do segundo CD, levando-se em conta que o primeiro disco do artista, *Manheceça* (2001), é uma obra-prima da Música Popular Potiguar (MPP). *Um Toque a Mais* traz participações de músicos do porte de Di Stefano, Galvão Filho, Gilberto Cabral, José Fontes, Marcelo Randemarck, Romildo Soares, Tertuliano Ayres e outros bambas da MPP.

Cineclube

Nos lares mais insuspeitos de Natal, o CD *Cineclube* (2009) está tocando adoidado. Parceria do poeta Lívio Oliveira (letras) com o músico Babal Galvão (música), o registro rende homenagens ao mundo do cinema em geral: atrizes, atores, diretores, filmes célebres, cines e cineclubes. O CD tem caráter conceitual e temático, permeado pelos arranjos do guitarrista e maestro Joca Costa. Dentre as participações especiais, há músicas interpretadas por Geraldo Azevedo, Khrystal, Valéria Oliveira, Liz Rosa, Luciane Antunes, contando, ainda, com participações instrumentais de inúmeros músicos da OSRN e da Escola de Música da UFRN, além de outros convidados. Recomendado.

Nós, do RN...

O Departamento Estadual de Imprensa (DEI) botou mais uma edição na rua do bravo suplemento cultural *Nós, do RN...* Anchieta Fernandes, Carlos Morais, Edson Benigno, Moura Neto, Paulo Jorge Dumaresq e Yasmine Catarina são alguns dos nomes que assinam matéria no tablóide, que tem como editor-geral o jornalista Edilson Braga. Na edição de março de 2009, há que se destacar as entrevistas com os músicos Babal Galvão e Geraldo Carvalho e o fundador e presidente do Rio Grande Fã-Clube John Wayne, César Barbosa, além de matéria sobre o Luminoso Adultério do Ditador Getúlio Vargas. Longa vida ao *Nós, do RN...*

Neguedmundo

Depois de semanas e semanas em Natal, o embolador-rapper Neguedmundo retornou para Sampa, onde mora atualmente, com o escopo de retomar a carreira. Na Paulicéia, vai tratar do segundo CD em fase de pré-produção. O primeiro registro *Música de Preto* (2007) apresentou dub, hip hop, raga, reggae e embolada, dando o sotaque nordestino à obra. Ainda sem título, o segundo CD, conforme Neguedmundo, vem mais orgânico, com pitadas eletrônicas, sistema de som, frequências e (as)pirações musicais.

Mano Celso

Por falar em rapper, o natalense Mano Celso é o personagem do novo livro do líder do grupo de escritores Jovens Escribas, Carlos Fialho. *Mano Celso - O Rapper Natalense* teve lançamento no dia 7 de maio, na livraria Siciliano, pelo selo Jovens Escribas. Insólito, o marketing do livro é um verdadeiro tiro no pé, constando de textos negativos sobre Fialho e sua literatura, enviados por internautas e capturados para tal fim.

Memórias

A passagem do cinquentenário de falecimento do jornalista, escritor, político e economista, Eloy de Souza, não foi esquecida. Em boa hora, o Instituto Pró-Memória de Macaíba (IPMM), em parceria com o Senado

Federal, reeditou o livro *Memórias*. O lançamento da segunda edição de *Memórias*, ocorreu em 20 de março, na Casa de Cultura de Macaíba, burgo onde Eloy de Souza morou. A jornalista, pesquisadora, escritora e neta de Eloy de Souza, Rejane Cardoso, foi a responsável pela organização dessa edição acrescida de fotos do acervo de família, notas e de um índice onomástico. Além de jornalista e político, Eloy de Souza se destacou pelos seus estudos sobre a seca. Ele foi autor dos fundamentos e justificativas de criação do Instituto de Fomento às Obras Contra as Secas (Ifocs) e depois do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs). Eloy de Souza nasceu em Pernambuco, em 1873, e bacharelou-se em Ciências Sociais na turma de 1894, em Recife. Encantou-se em 7 de outubro de 1959, aos 86 anos de idade.

Octacílio Alecrim

Também no dia 20 de março, na Casa de Cultura de Macaíba, houve o lançamento dos livros *Fundamentos do Standard Jurídico* (1941), *Sistema de Veto nos EUA* (1954) e *Ensaio de Literatura e Filosofia* (1955), do escritor Octacílio Alecrim, pelo consórcio Instituto Pró-Memória de Macaíba e Senado Federal. Nascido em 17 de novembro de 1906, em Macaíba, era filho do coronel Prudente Gabriel da Costa Alecrim. Fez as primeiras letras no Grupo Escolar Auta de Souza. Prosseguiu seus estudos secundários em Natal, primeiro no Colégio Santo Antônio e, em seguida, no Atheneu Norte-Rio-Grandense. Nesse entretanto, passou a publicar artigos e reportagens no jornal *A República* e, graças à sua ligação com o governador José Augusto, desenvolveu projetos na vida pública. Também publicou *Tamatião* (1931), *Idéias e Instituições do Império* (1953), *Província Submersa* (1957). Octacílio Alecrim faleceu no dia 2 de setembro de 1968.

Casa do Cordel

A Casa do Cordel, situada na rua Vigário Bartolomeu, vizinho ao Sebo Neves, continua recebendo estudantes das redes pública e privada de ensino para pesquisas sobre o tema. Sob a regência do poeta Abaeté, a Casa do Cordel edita e vende cordéis, inclusive de outros estados, livros dedicados à cultura popular, revistas especializadas e CDs de cantoria.

Blogs a mancheias

Os blogs culturais proliferam em Natalândia. **O Rio Grande** destaca o Bazar - Alex de Souza (www.nominuto.com.br). Cefas Carvalho (www.cefascarvalho.blogspot.com). Diário do Tempo - Sérgio Viana (www.dnonline.com.br), Paleta - Lívio Oliveira (www.nominuto.com.br) e Substantivo Plural - Tácito Costa (www.substantivoplural.com.br), afora o carioca-natalense Balaio Porreta 1986, do mestre Moacyr Cirne (balaiovermelho.blogspot.com). Na próxima edição, **O Rio Grande** recomendará outros blogs.

Khrystal

Certamente o show da cantora Khrystal, no Teatro Rival, no dia 5 de maio, foi o mais importante de sua carreira. Acompanhada de um time de músicos experientes, a cantora mostrou aos cariocas todo o talento que a tem consagrado nos palcos potiguares e nordestinos. O primeiro passo foi dado. Agora é agendar mais shows no Sudeste e fazer um trabalho agressivo de marketing. Ai o bicho vai pegar.



Heróis do Remo

O Rio Potengi faz parte das minhas lembranças de criança, tempo de descobertas, época em que a imaginação infantil me levava para os mistérios do rio Grande dos portugueses e dos comedores de camarões indígenas. Lembro da passagem pela ponte de Igapó e ficava maravilhado com a beleza das águas, já naquela época castigadas pelas salinas e projetos embrionários de carcinicultura, intervenções humanas que redensharam o leito do velho e bom rio,

Cresci ouvindo várias histórias sobre o rio Potengi. Rio dos Potiguaras, rio do Rifoles, rio Grande dos portugueses, porto de entrada dos holandeses, algozes de Cunhaú, rio Salgado de gamboas e camarões.

Rio de muitas histórias, lugar de pouso e partida dos pioneiros da aviação. Rio das regatas, do Náutico e do Sport. As grandes regatas faziam do rio Potengi parada obrigatória da sociedade natalense do século passado.

Lembro do raid Natal-Rio de Janeiro e fico imaginando nossos

remadores, numa iole, enfrentando o mar, época em que não havia essa história de GPS ou telefonia móvel. E mais: não tinham o apoio das velas, contavam literalmente com os braços.

A história desse raid descobri, por meio de João Alfredo, no livro "Heróis do Remo". Em suas páginas li o relato de uma verdadeira epopéia. O sonho de chegar à antiga capital federal a remo surgiu numa conversa de amigos, ocorrida no ano de 1936, na praia de Genipabu. Este sonho foi realizado em duas etapas: num primeiro momento participaram Ricardo da Cruz, Antônio de Souza, Clodoaldo Bakker, Oscar Simões e Francisco Madureira. O projeto gestado em Genipabu, somente foi autorizado pela Marinha do Brasil 16 anos depois, em 1952.

Na manhã do dia 30 de março de 1952, a cidade de Natal amanheceu em festa: os heróis do remo partiam do rio Potengi em direção da Guanabara. A multidão ovacionava os tripulantes da iole Rio Grande do Norte I. Não existiam cores de nenhuma agremiação náutica. As cores levadas pelos atletas do remo

eram as cores da terra potiguar. Em cada enseada, escolhida para descanso, nossos heróis eram recebidos com festa, muitas foram as medalhas oferecidas pelas câmaras municipais no trajeto da iole.

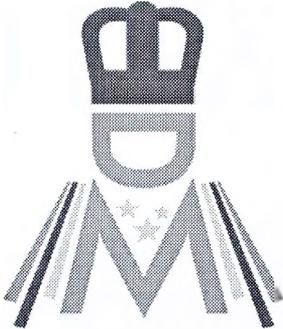
Mas nem tudo foram flores, pois o mar é bravo. Na costa sergipana, a iole Rio Grande do Norte I, não resistiu à força do mar. Conta João Alfredo em seu livro: "Sobre a iole rebentou um vagalhão. Não houve tempo para nada. Com muito esforço conseguiram nossos heróis nadar até à beira-mar. Da iole, só conseguiram salvar os remos". Tudo perdido? Não, pois fazia parte deste grupo um "brasileiro que não desiste nunca", Ricardo da Cruz.

No dia 11 de fevereiro de 1953, o raid reiniciou, a partir de Sergipe, no mesmo Mangue Seco, que no dia 2 de junho de 1952 nossa iole Rio Grande do Norte I naufragou. Fizeram parte desta segunda etapa: Luiz Enéas, Antonio de Souza, Ricardo da Cruz, Walter Fernandes e Oscar Simões. Etapa consagrada com a chegada na Guanabara. A antiga Capital Federal abraçava entusiasmada os Heróis do Remo, com desfile e exposição da iole Rio Grande do Norte II, na Cinelândia, marcando a comemoração do grande acontecimento. A BBC de Londres classificou esse raid, como o maior feito náutico do mundo. Histórias de heróis, como esses do remo, devem chegar ao conhecimento das novas gerações.

Luciano Fábio Dantas
Capistrano
Historiador/SEMUB
Professor/Escola
Estadual. Myriam Coeli



Guarnição inicial - Patrão Ricardo da Cruz; Voga - Antônio de Souza Dantas; Sota Voga - Clodoaldo Bakker; Sota Proa - Antônio de Paula Madureira e Proa - Oscar Simões Filho.



MUSEU
**CULTURA POPULAR
DJALMA MARANHÃO**

Praça Augusto Severo - Antiga Rodoviária Velha, Ribeira - Natal/RN

O Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão é um equipamento de cultura que está diretamente ligado às instituições culturais administradas pela Fundação Cultural Capitania das Artes - FUNCARTE. Encontra-se localizado em um espaço estratégico (Antiga Rodoviária de Natal-Ribeira), formando um complexo cultural com praças e largos apropriados para a realização de eventos e manifestações culturais. A sua concepção permite que os cidadãos natalenses e visitantes da Cidade do Natal, tenham um equipamento cultural concebido com o que existe de mais moderno em termos de tecnologia audiovisual e conceito museológico adotado no Brasil. O acervo é composto por obras de vários artistas e documentários das mais diversas manifestações populares do Estado do Rio Grande do Norte.

Atendimento : 09h às 17 –seg. a sexta-feira
10h às 17 – sáb. e domingos

Telefones para contato: (084) 3232.8149/3232.4956

